A MÁGUA DO CABOCLIO

- Um sketch de Roberto Lis -

Godencio - Manéco, ocê tá tom triste
ca cara dismacerada!...
Que é que ocê tem que tá anssim?

Maneco - Num é nada, não, Godencio
é essa vida marvada
que num tem pena de mim.

Godencio - Inhante ocê era alegre,
ria, brincava ca gente,
dispois... anssim de repente,
sem dizê nada praquê,
mecê ficô burricido,
calado, queto, incaído,
Cabôco... ocê tá murdido
ou viu sacy pererê.

Maneco - Nem uma cousa nem outra.
Eu só posso le dizê
que a vida que a gente leva
num paga a pena vivê.

Godencio - A vida é bôa, Maneco,
percisa é sabê levá.
néga o que a gente le péde
e o que num péde ela dá.
e num dianta de nada
amostrá a cara chorosa
pulquê a vida é caprichosa
e só dá o que ela qué.

Maneco - Isso selvé pra amostrá
que ela tombem é muié.

Godencio - Maneco... pulo que vejo
mecê tá disinludido.

Maneco - Pra mim tá tudo perdido,
num vejo mais sarvação!
Ah vida safada! Ah vida!

Godencio - Ocê tem é uma firida
no fundo do coração.
Mas num fique desse geito
sofreno tanta afrição.
Vô le arreceitá um remedio
pra ocê botá no seu peito
e ocê vai vê que a firida
em doi tempo toma geito.

Maneco - Munto brigado, Godencio,
num percisa se cansá
praquê a tristeza que eu tenho
ocê num pôde curá.

Godencio - Puis eu le digo que curo
xege a tristeza que fô.
Si o má tá drento do peito
ocê percure otro amô.
Dexe tudo aí prum canto
vá pra longe, pra otras terra
pra môde inxugá esse planto.
A lunjura é bôo remedio
pra curá dô e cancêra.

Maneco - Mais minha dô é bestera
que ela num pôde curá.

Roberto

- Dispois... o mundo é piqueno
e a dô corre atraiz da gente.

G. - Ocê sufria mais meno
se quizesse me contá
a rezão do sofrimento
mas ocê tá rinitente...

M - Num quero falá, Godencio,
ocê vai me adescurpá.

G - É falta de cunfiança?

M - Num nada. Que insperança!
É que aperfiro calá.

G - Tá bôo, intonce descurpe
de tê burricido tanto.
E pra que ocê amiôre
e seus óio mais num chore,
vô rezá pro Isprito Santo.
E percure arreagi,
butá fóra esse sofrê,
alimpá seu coração.
Ripare seu Alazão
cuno parece intendê
tudo que eu tô le dizendo.
Parece inté tá sofreno,
ciando triste pra ocê.

M - Meu cavalo é um bôo amigo
e nos momento de mágua
ele tá sempre sumigo.

G - Tá bôo, Maneco, inté lôgo.
Eu vô rezá pur mecê.

M - Inté lôgo, agardicido.
Que Deus le dê bôo vivê.

(Opve-se aqui os violões selando
uma toada regional que fará fun-
do á declamação que segue)

(Segue na pagina 2)

Maneco - Alazão, meu bão amigo,
eu tô em farta cuntigo,
num te contei meu sofrê
e tu me vendo chorá
vem chorá junto cumigo
sem sabê memo praquê.
Quantas veiz tenho incontrado
teus ôio triste, parado,
oiando pra mim, quebrado,
cumo tivesse duente.
Eu sei que tu tá cismado
de vê anssim dirrubado
um caboco tom valente.
Eu era como a parmera
que o vento sacóde intera
mas num pôde dirrubá;
zombava da minha sorte,
num tinha medo da morte,
das peleia ou temporá.
Um dia aquela marvada
intrô no meu coração,
jurô pra mim, feiz promessa
de vim morá no meu chão.
Veio nada! Foi cum otro
e me dexô, Alazão!...
Fiquei ca vida perdida
e adeus caboco de antão!...
Não falava, não cumia,
de noute já não drumia
preso naquela lembrança!
E eu que sempre escarnecia
dos cabôco que chorava,
quano a sodade apertava
chorava que nem criança!
Um dia jurei vingança
e fui em percura dela,
caminhei dia, após dia,
preso naquela ingunia
ca cara seca, amarela,
os ôio fundo, briando!
Quem me visse pensaria,
anssim num mal cumparando,
que eu era a propia lucura!
E eu siguia caminhano,
caminhano, caminhano,
sem contá tempo ou lunjura!...
Um dia topei um rancho
cum cerca de arame em vorta,
bem na boquinha da mata;
passei pra drento da cerca
e pula fresta da porta,
seu Alaz-ão, vi a ingrata!...
Sinti drento do meu peito
uma reiva e um despeito
que num quiz sabê de nada:
Ganhei pra drento do rancho
e já no premero gorpe
adirrubei a marvada.
Dei-le cinco punhalada
pra matá junto cum ela
a reiva que eu tinha em mim,
mas quando vi ela caida,
cas facia discolorida
eu num sei o que eu sintim.
Sai numa desparada,
Numa currida sem fim.

Mais quanto mais longe eu ia
pió a currida aquela,
praquê eu via os ôio dela
cada veiz mais fixo em mim.
E adonde qué que eu andasse,
pra quarqué parte que oiasse,
via a ueles ôio anssim.
Mais dispois o tempo andando,
os dia sempre passano,
os ôio foram dexano,
aos pouco de atrumentá,
té que um dia se apagaro.
Foi entonce que os meus ôio,
deis daí não se ageitáro
ca farta daquele oia.
Era a sodade, meu pingo,
que vinha me visitá.
Feiz casa na minha casa
pra nunca mais me dexá.
Hoje ela véve cumigo,
toda hora, todo instante,
trais meu peito saluçante
faiz sôfrê meu coração.
Pruquê que inzeste a sodade?
Risponde, meu Alazão!
Teus ôio tá me dizendo
que tu tombem tá sofreno,
sofreno com a minha dô
e o teu oia de amizade
vem me dizê que a sodade
é o castigo desse amô!...